

Caso Robinho escancara tolerância do futebol e da sociedade com a violência sexual

“Se o futebol é aquilo que mais inspira meninos no Brasil, qual é a responsabilidade dos clubes ao não olhar para a violência de gênero?”, questiona a socióloga Viviana Santiago.

[\(HuffPost | 21/10/2020 | Por Andréa Martinelli\)](#)

As transcrições dos diálogos de Robinho, que tem um status de ídolo no futebol mundial, sua condenação por estupro na Itália, e as declarações posteriores dele sobre as acusações, em que se diz inocente e afirma que “infelizmente, existe esse movimento feminista”, mostram a existência de uma tolerância da sociedade — e do esporte — com crimes contra as mulheres.

Este é o entendimento de especialistas da Sociologia e do Direito ouvidas pelo HuffPost Brasil. Segundo Viviana Santiago, socióloga e especialista em educação pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), o caso Robinho, um dos mais recentes envolvendo violência de gênero e futebol, “mostra que vivemos em uma sociedade que opera na cultura do estupro”.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Só 7% das cidades brasileiras contam com delegacia da mulher

E somente 15% das unidades especializadas funcionam 24 horas, mostra levantamento exclusivo da Revista AzMina

[\(AzMina| 20/10/2020 | Por Helena Bertho, Gabi Coelho e Rayane Moura/Revista AzMina\)](#)

Existem apenas 400 delegacias especializadas de atendimento à mulher no país, distribuídas em 374 cidades brasileiras, segundo levantamento inédito realizado pela Revista AzMina. Isso quer dizer que em 93% dos municípios do país (o Brasil tem pouco mais de 5,5 mil municípios) a mulher que sofrer violência doméstica tem que buscar atendimento em uma delegacia comum.

[***Accesse a matéria completa no site de origem***](#)

País tem um estupro a cada 8 minutos, diz Anuário de Segurança Pública

[\(Universa | 18/10/2020 | Por Luiza Souto\)](#)

Lançada sob o contexto da pandemia da covid-19, a 14ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostra mais uma vez que a violência de gênero não tem freio: os homicídios dolosos de mulheres e os feminicídios tiveram crescimento no primeiro semestre de 2020 em comparação com o mesmo período do ano passado. Entre os homicídios dolosos, quando há a intenção de matar, o número de vítimas do sexo feminino aumentou de 1.834 para 1.861, um acréscimo de 1,5%. Já as vítimas de feminicídio foram de 636 para 648, aumento de 1,9%. Os dados foram compilados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, baseados em informações das Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social dos estados.

Se na edição de 2015 do anuário os pesquisadores mostraram que havia um estupro a cada 11 minutos no país, a edição deste ano mostra que um crime do tipo foi registrado a cada 8 minutos em 2019: foram 66.123 boletins de

ocorrência de estupro e estupro de vulnerável registrados em delegacias de polícia apenas no ano passado, e a maior parte das vítimas é do sexo feminino —cerca de 85,7%. Em 84,1% dos casos, o criminoso era conhecido da vítima: familiares ou pessoas de confiança.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Confinamento pode ter impactado crimes contra a mulher, alerta Anuário de Segurança Pública

Ainda é cedo para determinar relações de causa e efeito entre as mudanças de comportamento e os índices de criminalidade. Alguns dados do Anuário de Segurança Pública sugerem, no entanto, que uma coisa influenciou a outra de forma direta ou inversa.

[\(Folha de S.Paulo | 18/102020 | Fernanda Mena\)](#)

No Brasil, houve redução de 9,9% dos registros de agressão e violência sexual, aqueles que dependem da presença da vítima na delegacia para efetuar o boletim de ocorrência e os exames periciais —uma condição que parece ter sido sensivelmente prejudicada durante a pandemia.

Ao mesmo tempo, aumentaram em 3,8% as chamadas para o 190 para casos de violência doméstica, em 1,9% os registros de feminicídio e em 0,8% os de homicídio doloso com vítimas do sexo feminino.

[Acesso a matéria completa no site de origem](#)

‘Você trabalha? Nossa, parabéns!’: As frases capacitistas que estamos cansadas de ouvir

Estas mulheres relatam comentários que reafirmam o preconceito contra pessoas com deficiência

[\(HuffPost | 17/10/2020\)](#)

O preconceito contra pessoas com deficiência vai muito além do olhar e da exclusão desse grupo na sociedade. Denominado capacitismo, ele se faz presente no dia a dia das PCDs por meio de palavras, expressões, perguntas e comentários carregados de discriminação. No entanto, essas frases aceitas pelo senso comum prejudicam a inclusão e a saúde mental de milhares de homens e mulheres.

A convite da AACD, instituição que atua na reabilitação de crianças e adultos com deficiência física ou necessidades ortopédicas, Beatriz Bebiano, Helô Rocha e Manu Aguiar listaram as situações e comentários mais comuns que ocorrem com frequência em suas vidas enquanto mulheres com deficiência.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

A cultura do estupro avança como uma verdadeira pandemia no Brasil, por Djamila Ribeiro

É preciso ter responsabilidade diante desse cenário brutal de mulheres sob a iminente ameaça da misoginia

[\(Folha de S.Paulo | 16/10/2020 | Por Djamila Ribeiro\)](#)

Na sexta passada, quem estava em Sergipe assistindo à TV viu, várias vezes, reproduzido o vídeo de um homem que flagrava outro estuprando uma menina de 11 anos. Munido de uma faca, o agressor correu ao passo que a criança gritou notando a presença de um terceiro.

Só a descrição do vídeo já seria chocante, mas não bastou: emissoras mostraram o vídeo dezenas de vezes, sem cortes ou avisos de que seria uma cena de violência. Tanto a TV Sergipe, afiliada da TV Globo, como a TV Atalaia, afiliada da TV Record, transmitiram estupro em looping, prendendo a audiência aos gritos da criança.

[Acesse o artigo completo no site de origem.](#)

A cada dia, três mulheres sofrem importunação sexual no Rio de Janeiro

Dados inéditos do Instituto de Segurança Pública definem o perfil da vítima do crime que grassa nas raízes do machismo

[\(Veja Rio | 15/10/2020 | Por Marcela Capobianco\)](#)

(...) O Instituto de Segurança Pública (ISP), vinculado ao governo do estado, conseguiu traçar pela primeira vez o perfil das vítimas de importunação sexual na cidade. Metade se declara branca, 34%, pardas e 14%, negras. Nesse universo, 43% têm entre 18 e 29 anos e a maioria não conhecia o algoz (veja no quadro abaixo) - o que diferencia a importunação do assédio sexual, em que o autor se vale de uma posição de superioridade em relação à vítima para praticar a violência.

A existência dessa chaga é bem sabida, mas os números (certamente ainda subestimados pela vergonha que recai sobre vítimas que preferem silenciar) mostram quão corriqueira ela é. Em 2019, 1 154 mulheres registraram queixas por importunação sexual. Quase 50% dos crimes aconteceram em dias de semana e fora da residência. Geralmente, dizem os especialistas, ocorrem no transporte público, na ida e volta do trabalho.

[***Accesse a matéria completa no site de origem.***](#)

Esfaqueou ex por ciúme e foi absolvido: como defesa da honra chegou ao STF

[\(Universa | 15/10/2020 | Por Camila Brandalise\)](#)

Durante o relacionamento, ele a proibia de sair de casa, tinha rompantes de fúria e se mostrava violento. O casal se separou, mas, uma semana depois, o homem ainda perseguia a ex-mulher. Na noite de 25 de maio de 2016, foi atrás dela dentro da Igreja Evangélica Missão e Avivamento, na cidade de

Nova Era (MG). Puxou-a pelo braço e, no meio da conversa, viu uma mensagem no celular da ex com a frase “te aguardo no mesmo lugar”. Segundo ele, nesse momento, “bateu um trem doido”: com uma faca de serra — mais tarde, afirmou à polícia sempre andar com uma —, deu três golpes na mulher, na cabeça e nas costas.

Essas informações fazem parte do depoimento do próprio agressor confesso. A mulher foi levada para um hospital, passou por uma cirurgia e sobreviveu. Ele foi preso em flagrante. “Desferi três facadas na minha ex, pois vi várias conversas amorosas no celular dela, sou trabalhador e não posso aceitar de forma alguma uma situação humilhante dessas”, afirmou, segundo uma testemunha, ao ser levado pela polícia.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Caso Kadamoto é terceira denúncia contra gurus feita este ano por grupo de acolhimento

Gerido pelo Ministério Público de SP, Avarc oferece atendimento psicológico à vítimas de assédio sexual

[\(O Globo | 15/10/2020 | Por Cleide Carvalho\)](#)

A [denúncia de abuso sexual contra Harry Tadashi Kadomoto, guru de meditação](#) que se tornou popular durante a pandemia, é a terceira apresentada este ano pelo Ministério Público de São Paulo contra líderes religiosos e espirituais, com base em atendimento prestado pelo Projeto Acolhimento de Vítimas, Análise e Resolução de Conflitos (Avarc). O grupo foi criado para dar apoio e atendimento psicológico às vítimas.

Tadashi Kadamoto é acusado por uma ex-paciente e ex-estagiária por abusos sexuais cometidos por sete anos, durante um tratamento e treinamento oferecido pelo instituto que leva seu nome. Ele nega o crime e anunciou, pela internet, que vai suspender suas atividades até o fim do processo.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Uma em cada vinte estudantes universitárias da França já foi vítima de estupro, aponta pesquisa

Uma pesquisa divulgada nesta segunda-feira (12) afirma que uma em cada vinte estudantes universitárias na França já foi estuprada. O mesmo estudo indica que uma em cada dez jovens foi vítima de agressão sexual ou de atos violentos.

[\(RFI | 12/10/2020\)](#)

A constatação é fruto de uma pesquisa realizada pelo Observatório estudantil de violências sexuais e sexistas no Ensino superior, órgão criado em maio de 2019 com o objetivo de analisar esses fenômenos na população universitária. Entre abril e dezembro de 2019, um questionário online foi distribuído entre alunos de cerca de 50 universidades, faculdades e cursinhos preparatórios na França. Das mais de 10 mil respostas recebidas, a maioria (76%) vem de mulheres.

O dado mais impressionante do [estudo, intitulado “Palavras de estudantes sobre as violências sexuais e sexistas”](#), foi o fato de 5% das alunas que responderam à pesquisa afirmarem já terem sido vítimas de estupro. Além

disso, 11% das jovens sofreram algum tipo de agressão sexual. No caso dos homens, 5% já foram alvo de agressão sexual.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)